

INFLUÊNCIAS: sociedade e cultura

INFLUENCES: society and culture

Alberto Carlos de Souza¹

RESUMO

Neste estudo, vamos propor a discussão das variáveis que se fazem presentes na relação cultura e sociedade, em que as influências são recíprocas. A discussão acerca da cultura afrodescendente se faz necessária, visto a composição da sociedade brasileira e sua mescla de etnias. No entanto, a história nos mostra que prevaleceram, e ainda prevalecem, as orientações de uma cultura europeia, fruto da nossa colonização. As divergências são importantes por provocarem mudanças de paradigma, o que é necessário, mas exige cautela.

Palavras-chaves: Ciências Sociais. Ciências Humanas. Sociologia.

ABSTRACT

In this study, we will propose the discussion of the variables that are present in the relationship between culture and society, in which the influences are reciprocal. The discussion about Afrodescendant culture is necessary, given the composition of Brazilian society and its mixture of ethnicities. However, history shows us that the orientations of a European culture, the fruit of our colonization, have prevailed and still prevail. Divergences are important because they cause paradigm shifts, which is necessary, but requires caution.

Keywords: Social Sciences. Humanities. Sociology.

A sociedade brasileira tem em sua cultura as raízes de sua colonização - indígenas, negros escravos e europeus. Passados 500 anos, a miscigenação de costumes e valores se remodela no cenário contemporâneo. O Brasil tem em seu território a presença de várias culturas e o que se nota é que as raízes, antes bem definidas, hoje encontram novas influências, como a dos orientais, por exemplo. No entanto, mesmo miscigenada, a cultura, no que tange à sociedade brasileira, se localiza em espaços que a diferem em escala de valor, ou seja, existe a cultura popular e a erudita. Há um duelo entre as esferas que compõem a sociedade, na qual os integrantes da elite ditam as regras do que é de bom gosto e de mau gosto nas manifestações artísticas, sendo que o padrão adotado comparativo é o europeu.

Acontece que as normas impostas no campo das artes vão sendo remodeladas com o tempero mais que brasileiro, gerando, assim, uma arte dita dis(forme) ou popular, fora dos padrões aceitos. A sociedade brasileira, permeada por questões morais, vai aos poucos sendo

¹ Graduado em Educação Artística - Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre em História. Doutorando em Humanidades – UNR – Universidad Nacional de Rosario. Professor na rede municipal de Vitória (ES). E-mail: acsouza71@bol.com.br

desenhada ainda nos padrões idealizados. Reflexo desse cenário é a atuação significativa da indústria cultural. Podemos notar que existe um desejo por parte da indústria cultural de homogeneizar os valores culturais brasileiros dentro de uma perspectiva da sociedade do lucro. Podemos dizer que a sociedade brasileira, no que tange à sua cultura, se divide em cultura erudita, cultura popular e cultura de massa.

Segundo Mattos (2008), a cultura dita erudita está associada à Academia, às Universidades, que abrigam o pequeno grupo de pessoas ditas intelectuais. Já a cultura popular está atrelada à sociedade brasileira, permeada por questões morais, vai aos poucos sendo desenhada ainda nos padrões idealizados. Tem origem em seus hábitos e costumes. No que se refere à cultura de massa, a autora aponta que ela tem a intenção de utilizar os meios de comunicação para a imposição de ideias, gostos e valores em um projeto de homogeneização.

É complexa a relação entre cultura e sociedade, estando entrelaçados valores e intenções de cunho ideológico. A arte, como intenção humana de manifestação, opinião, testemunho de sujeitos que utilizam as várias linguagens artísticas para firmar sua passagem na sociedade de forma crítica, flutua nas esferas de todas as artes. No entanto, é necessário pensar na arte apresentada, tendo a consciência desses valores que a permeiam, seja ela erudita, seja ela popular ou mesmo uma relação entre os signos artísticos presentes na cultura de massa. Nesse campo da cultura brasileira, a questão da identidade retorna aqui ao refletirmos sobre o lugar da cultura afrodescendente. É urgente entender a importância da cultura africana para o povo brasileiro, suas manifestações na dança, na religião, na culinária, nas vestimentas, na arte de forma geral. No entanto, além dos traços iniciais da cultura africana no Brasil, gostaríamos de propor a reflexão sobre qual o espaço concedido à cultura afro hoje, no Brasil do mundo globalizado e intercultural, um país comprometido com a defesa do direito à diversidade.

A história nos conta qual o lugar do negro no Brasil, primeiro escravo, depois liberto, mas sob algumas condições. É certo que algumas mudanças aconteceram nesses tempos idos e que a cultura afro hoje tem em sua defesa alguns atos, inclusive políticos. Citamos a questão política, por entendermos que seja importante que essa esfera da sociedade, de alguma forma, mesmo motivada por interesses, se detenha a organizar o respeito e o reconhecimento de parte da cultura africana em terra também sua, brasileira. O ano de 2011 é dedicado à reflexão em torno dos afrodescendentes no que tange a seus direitos políticos, econômicos, culturais e sociais: “em 18 de dezembro de 2009, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou o ano, começando em 1º de janeiro de 2011, como o Ano Internacional dos Afrodescendentes

(A/RES/64/169).” A partir dessa resolução, é certo que algumas mudanças aconteceram nesses tempos idos e que a cultura afro hoje tem em sua defesa alguns atos, inclusive políticos.

A representação da UNESCO no país realizou uma série de encontros e debates regionais para lançar a primeira edição em português da Coleção da UNESCO “História Geral de África” (HGA), que, em paralelo, foi entregue a 8 mil bibliotecas universitárias e públicas do país e antes, em dezembro de 2010, foi disponibilizada gratuitamente *on-line* ao público, com apoio e financiamento do Ministério da Educação (MEC) e coordenação técnica da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Além de debates e mesas redondas, programação cultural, atividades relacionadas à tradição afro-brasileira e integração com movimentos sociais também fizeram parte dos eventos. (UNESCO, 2011). Reconhecer o lugar do negro na cultura brasileira é tarefa árdua a ser desenvolvida por todos. Essa discussão em torno da cultura afro no Brasil e na América começa pela sua forma primeira de estar aqui: como manifestação do povo escravo.

A partir de 1570, a resistência dos aborígenes, as epidemias que golpeavam duramente uma população que nunca havia sido muito densa, a legislação contra a escravidão indígena, reduziram tanto a disponibilidade quanto a rentabilidade da mão de obra índia. (CARDOSO, 1982, p. 55).

O comércio marítimo entre os países da Europa incentivou o comércio de mão de obra barata, fundamental para o desenvolvimento das plantações e da exploração das riquezas regionais. O desenvolvimento da América está associado a esse processo de troca de riquezas entre as nações colonizadoras e o desenvolvimento das novas terras, e “a etapa que se estende de meados do século XVII até 1791 pode ser considerada como o auge da escravidão negra nas Américas” (CARDOSO, 1982, p. 55).

A exploração do solo brasileiro através do braço forte do negro africano inicia a busca do ouro, seguida pelas plantações. Não pretendemos nos alongar nos aspectos históricos da escravidão no Brasil. Apenas consideramos importante pontuar as diferenças entre a cultura brasileira e sua relação com os africanos. Cardoso (1982) discute essas questões usando termos como “sociedades africanas”, “sociedades negras”, “mundo dos brancos” e “mundo dos negros”. O confronto do africano com a nova terra resulta, segundo o autor, no surgimento de comunidades negras, das quais o branco é retirado, mantido do lado de fora, mas que também não podem ser denominadas africanas, visto que sua aculturação tira parcialmente sua identidade. No Brasil não obterá personalidade jurídica; mas psicologicamente deverá forjar-se uma nova personalidade, sem a qual não poderá sobreviver:

O comércio marítimo entre os países da Europa incentivou o comércio de mão de obra barata, fundamental para o desenvolvimento das plantações e da exploração das riquezas regionais. Os Padrões da Cultura simultânea na sociedade dominada pelo modelo dos brancos, e na sociedade dos negros, ainda inspirada por modelos africanos. A adaptação que transforma o cativo em escravo, no sentido exato da palavra, supõe uma aprendizagem linguística, religiosa e através do trabalho, sendo que em todos os casos aparecerá a dualidade “mundo dos brancos” / “mundo dos negros”. (CARDOSO, 1982, p. 55).

Essa dualidade da qual trata o autor se reflete também hoje nos descendentes que nascem em terra brasileira. Nesse sentido, a reflexão em torno da cultura afrodescendente exige pensar no desenvolvimento da história e da ação dos afrodescendentes, questionando, assim, esse lugar em solo brasileiro. Das regiões brasileiras, será na Bahia que a cultura africana terá maior espaço, onde a arte, a religião, a culinária serão preservadas e, posteriormente, desenvolvidas com suas influências.

Na linha do desenvolvimento da música e da dança, a capoeira como manifestação artística cultural também é fortemente desenvolvida na Bahia, sendo até considerada referência. Assim como samba no Rio de Janeiro, que traz a influência da cultura afro.

Quando se fala em cultura afro-brasileira, uma pergunta sempre vem à tona: o samba é brasileiro ou africano? E a resposta pode parecer simples ou complexa ao mesmo tempo, tudo depende de como se interpretam os elementos históricos, responsáveis pela formação da cultura e da identidade do brasileiro. O correto seria falar em hibridismo cultural e assim resolver essa discussão. Para tanto, é importante fazer um resgate histórico da chegada dos portugueses e dos negros escravos ao Brasil e analisar como essa junção de etnias ocorreu entre eles e os povos indígenas, que já habitavam essas terras. As primeiras caravelas portuguesas ancoraram em terras – que se denominariam mais tarde brasileiras – por volta de 1500. Trinta e dois anos mais tarde, Martim Afonso de Souza criou o primeiro centro produtor de açúcar, que se chamou Vila de São Vicente - hoje estado de São Paulo.

Para tocar o trabalho de produção, foi necessária uma mão de obra especializada, ou seja, que conhecesse o cultivo da cana e, então, em 1550, desembarcam em Salvador, Bahia, os primeiros africanos escravizados, destinados ao trabalho nos engenhos de cana-de-açúcar do Nordeste e na Vila de São Vicente. O número de engenhos nordestinos duplicou a partir de 1630 e, nesse período, tropas de holandeses desembarcaram em Pernambuco, trazendo escravos provenientes de terras angolanas, que foram retirados de sua terra natal para serem direcionados ao trabalho escravo nas lavouras brasileiras. Essa primeira fase do domínio holandês é marcada por guerras cruéis e por deslocamento forçado de negros, por intermédio de portugueses, para

o sul do País. Enfim, o negro experimentou as piores condições de vida nesse processo de trabalho escravo e nem mesmo com a abolição desse sistema escravagista a situação melhorou.

Isso porque a estratégia do colonialismo foi a de destruir a autoestima do colonizado e, principalmente, do escravizado, incutindo nele o complexo de inferioridade, para o qual a única alternativa era reproduzir o modelo ditado pelo colonizador. Isso se daria também nas questões culturais. Ou melhor: a tentativa ocorreu, mas não chegou a se concretizar, porque os negros conseguiram resistir e mantiveram vivas suas manifestações culturais, bem como as ritualísticas e religiosas, por intermédio do sincretismo.

Por isso, quando se fala sobre as origens africanas do samba, recorre-se ao cronista baiano Francisco Guimarães, que explica o vocábulo como sendo dois verbos da língua dos nagôs, o ioruba: *san*, pagar, e *gbá*, receber. Depois de Vagalume, muito se tentou explicar sobre a origem da palavra, inclusive que teria uma procedência indígena.

No entanto, Nei Lopes, sambista e pesquisador da cultura negra brasileira, ressalta que o vocábulo é, sem dúvida, africaníssimo, legitimamente banto e não iorubano. Samba, entre os *quiocos* (*chokwe*) de Angola, é verbo que significa cabriolar, brincar, se divertir como cabrito. Entre os *bacongos* angolanos e *congueses*, o vocábulo designa uma espécie de dança em que um dançarino bate contra o peito do outro.

E essas duas formas se originam da raiz multilinguística *samba* – *rejeitar*, *separar*, que deu origem ao *quilombos di-samba*, *umbigada* –, elemento coreográfico fundamental do samba rural, em seu amplo leque de variantes, que inclui, entre outras formas, as danças conhecidas como *batuque baiano*, *coco*, *calango*, *lundu*, *jongo* etc. (LOPES, 2003, p. 14).

Aliás, o nome *samba*, como destaca ainda Nei Lopes, designava uma das danças populares brasileiras derivadas do *batuque* africano. Atualmente, é mais aplicado ao gênero de música, canção e dança que se tornou um dos símbolos da nacionalidade brasileira. Há de se entender o *samba* também a partir de critério geográfico. Ou seja, primeiro em sua feição rural, à base de pergunta (*solo curto*) e resposta (*refrão forte*), quase sempre dançado numa roda e mantendo como elemento característico a *umbigada* ou uma simulação dela.

A *Umbigada* é uma dança em roda em que, em determinado momento, os dançarinos encostam a barriga leve e rapidamente um ao outro. Depois o *samba* ganhou uma feição urbana no Rio de Janeiro, antiga capital federal, nas primeiras décadas de 1900.

Saberes, herança e manifestações culturais brasileiras variações de denominação dependem da questão geográfica, o *samba* urbano sofre interferências de toda ordem e cria

novas formas, umas eternas, outras passageiras, mas todas transformando a velha matriz, muitas vezes contribuindo para tornar quase imperceptíveis as raízes africanas do gênero.

Nei Lopes (1993) lembra que os batuques festivos originários de Angola e do Congo certamente já se achavam no Brasil havia muito tempo. No século XIX, eles já tinham moldado a fisionomia do samba rural, fazendo surgir o lundu, tocado e dançado. Aluísio de Azevedo faz referência a esse ritmo em “O Cortiço”, num trecho em que descreve uma reunião festiva na casa da personagem Rita Baiana. Esse lundu ao qual se refere o escritor foi, certamente, um ancestral próximo do samba cantado, originário das toadas dos batuques de Angola e do Congo. A estrofe improvisada, acompanhada de refrão coral fixo em resposta, é característica estrutural de origem africana com ascensão na música afro-brasileira. Tanto elas quanto a coreografia revelam, no antigo samba dos morros do Rio, a permanência de afinidades básicas com o samba rural, expandido por boa parte do território nacional.

No Rio de Janeiro, a modalidade mais tradicional do samba é o partido-alto, um samba cantado em forma de desafio por dois ou mais participantes e que se compõe de uma parte com coral e outra solada. Essa modalidade tem raízes profundas nas canções do batuque angolano, em que as letras são sempre improvisadas e consistem geralmente na narrativa de episódios amorosos, sobrenaturais ou de façanhas guerreiras. (LOPES, 1993, p. 24).

André Diniz (2008) resume tudo isso dizendo que a música popular urbana brasileira é resultado da confluência cultural de três etnias: o índio, o branco e o negro. É deles a herança de todo o instrumental, o sistema harmônico, os cantos e as danças. Diniz chega à mesma conclusão de Nei Lopes, ou seja:

a música urbana, e, portanto, o samba, surge no início do século XIX, nos principais centros da colônia, notadamente Rio de Janeiro e Bahia. Essa música é “entoada por pessoas que cantavam modinhas e lundus ao violão, ao piano ou acompanhadas por grupos instrumentais” (DINIZ, 2008, p. 20).

Diante dessas análises, fica evidente que o samba é brasileiro e com forte influência africana.

Outra manifestação artística importante é o carnaval, destacando novamente o Rio de Janeiro, onde os desfiles de carnaval, sob o rosto da preservação cultural, são transformados em espetáculo, rendendo fortunas, atraindo turistas do mundo inteiro. No mesmo segmento, a cultura da Bahia faz parte da rota turística que movimentava a economia do país. Independente dessas questões econômicas, pensar no afrodescendente, sendo branco ou não, e no seu lugar e

nessa terra que é também sua, é algo que está atrelado às questões de alteridade e identidade, negando a atitude etnocêntrica que ainda prevalece em nossa sociedade.

De onde vejo o outro? Quais são os parâmetros adotados em meu julgamento acerca dos valores morais, das manifestações artísticas e culturais do outro? Com se organiza a sociedade em torno das diferenças dos sujeitos que a compõem? E o outro, como ele me vê? Será que as pessoas me veem como eu sou, e suas opiniões estão afinadas com o meu autojulgamento?

Como podemos nos entender [...], se nas palavras que digo coloco o sentido e o valor das coisas como se encontram dentro de mim; enquanto quem as escuta inevitavelmente as assume com o sentido e o valor que têm para si, do mundo que têm dentro de si? (PIRANDELLO, 2011, s.p.).

A questão da identidade e dos múltiplos olhares acerca da constituição dos sujeitos, no que tange tanto à sua aparência quanto a sua personalidade e moral, é discutida além das teorias freudianas no romance do italiano Luigi Pirandello, que traz o título “Um, Nenhum e Cem mil”. De repente o personagem principal de Pirandello se vê frente às muitas faces construídas a partir de sua personalidade pelas pessoas com as quais convive, afetando também a sua aparência física, até então entendida como um consenso com o espelho. O reflexo de sua aparência começa a não ser mais de comum acordo, cada um de seu meio social tem uma forma de ver e julgar determinadas particularidades de sua aparência, o que provoca no personagem momentos de indignação por discordar de muitas delas.

A cultura do outro. Será que nosso olhar corresponde de fato ao fenômeno observado, ou seria prudente assumirmos que nosso pensamento acerca de determinadas culturas se configura como possível, mas não como sendo o único? Nossa base empírica e teórica forma nossa visão de mundo, mas deve ser constantemente avaliada, a fim de não desenvolvermos atitude etnocêntrica. O etnocentrismo consiste em privilegiar um universo de representações, propondo-o como modelo e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas “diferentes”.

De fato, trata-se de uma violência que, historicamente, não só se concretizou por meio da violência física contida nas diversas formas de colonialismos, mas, sobretudo, disfarçadamente, por meio daquilo que Pierre Bourdieu chama “violência simbólica”, que é o “colonialismo cognitivo” na antropologia de De Martino. (CARVALHO, 1997 p. 181).

O etnocentrismo se configura como uma postura construída acerca dos valores morais e culturais diante da sociedade. Como sujeitos construídos pelo contexto em que nos desenvolvemos, ter um olhar etnocêntrico, em que nossos valores são parâmetro utilizado no

juízo do outro, é considerado reflexo de nossa educação. No entanto, frente às barbáries cometidas por nações com atitudes etnocêntricas, essa forma única de olhar a cultura do outro é banida do projeto de igualdade étnico racial.

Subjugar as culturas que se apresentam diferentes daquela em que nos constituímos é uma atitude que não cabe mais no mundo globalizado. O reflexo de sua aparência começa a não ser mais de comum acordo, cada um de seu meio social tem uma forma de ver e julgar determinadas particularidades de sua aparência, o que provoca no personagem momentos de indignação por discordar de muitas delas.

Desastres humanos, em que vidas são subtraídas por alguns de forma violenta, baseados em justificativas de não aceitação de cultura do outro, são reflexo de atitudes etnocêntricas. O etnocentrismo origina e tem origem na “heterofobia” - em suas diversas formas:

primitivo, selvagem, louco, imaturo, homossexual, “homens de cor”, crianças problemáticas, fascistas, baderneiros, “hippies”, “mulheres de vida fácil”, hereges etc., constitui “perigo” que deve ser exterminado. (CARDOSO, 1982, p. 182).

A violência se configura no ato de remover o outro do espaço em que vive, pois suas ações não estão de acordo com o que se acredita e tolera. No início da colonização do Brasil, o índio foi o outro a ser eliminado, a ser privado do direito de viver e de se manifestar através de suas práticas culturais. O negro também tem sua cultura sufocada perante a implantação da cultura europeia.

Através de suas práticas brasileiras durante o século XIX, os missionários cristãos na África e nas ilhas do Pacífico forçaram várias tribos nativas a mudar os seus padrões de comportamento. Chocados com a nudez pública, a poligamia e o trabalho no dia do Senhor, decidiram, paternalistas, reformar o modo de vida dos “pagãos”. Proibiram os homens de ter mais de uma mulher, instituíram o sábado como dia de descanso e vestiram toda a gente. Essas alterações culturais, impostas a pessoas que dificilmente compreendiam a nova religião, mas que tinham de se submeter ao poder do homem branco, revelaram-se, em muitos casos, nocivas: criaram mal-estar social, desespero entre as mulheres e orfandade entre as crianças. (RODRIGUES, 2003).

As posturas etnocêntricas se manifestam em vários setores da sociedade, em várias partes do mundo, por cidadãos que têm ideologias extremistas. Neste ano de 2011, o Brasil foi criticado por ser um país que comporta variadas culturas e a miscigenação entre raças na carta “An European Declaration of Independence - 2083”:

Uma declaração de Independência Europeia - 2083, do atirador da Noruega Anders Behring Breivik, acusado de atitude terrorista pelo massacre de 76 estudantes em um acampamento de jovens na ilha de Utoya, próximo a Oslo, na Noruega. Insanamente e com o discurso do preconceito em relação à América Latina, Breivik se refere ao Brasil como um país “disfuncional” em sua carta divulgada na internet. A razão da nossa preocupação e oposição deve-se ao fato de que a imigração massiva, a mistura racial e a adoção por não europeus são ameaça à unidade da nossa tribo [...]. Primeiramente, um país que tem culturas competitivas vai se dilacerar ou vai acabar como um país disfuncional, como o Brasil e outros países”. (Do UOL Notícias Em São Paulo, 2011).

A matéria publicada na página da internet, que traz trechos da carta do assassino com referências ao país, evidencia que a violência em terra brasileira é atribuída à miscigenação, e que a superação desses conflitos e a busca para a melhoria deve levar em conta a educação, o livre mercado de políticas nacionalistas, o resguardo de uma etnia homogênea e eliminação da presença do islamismo. No caso citado, o assassino confesso tem a sua cultura, sua raça, sua cor como padrão moral a ser seguido por todos, justificando assim a barbárie cometida contra os que são diferentes.

Aqui, o processo de eliminar a cultura alheia chegou ao extremo da violência em pleno século XXI, em um cenário economicamente globalizado, em um mundo apresentado como comprometido com a interculturalidade. O que notamos é que o projeto europeu de um mundo povoado por sua raça, considerada superior, ainda permanece na mente de muitos cidadãos. Os Padrões da Cultura, se, no início das conquistas territoriais, a América foi o alvo desse projeto, que vai além da aculturação, em que os habitantes que aqui já estavam, tiveram seus rastros culturais apagados pela violência e pelos costumes e ideologias impostas, hoje não é diferente. Obviamente que atitudes violentas como a praticada na Noruega chocam o mundo devido à incompreensão da atitude extrema do atirador.

O conceito de lugares de memória, conforme concepção de Nora (1992), foi a baliza norteadora do relatório. A teoria dos Lugares de Memória foi formulada a partir dos seminários orientados por Pierre Nora entre 1978 e 1981, na École Pratique des Hautes Études – em Paris. A partir de 1984, sob sua direção, iniciou-se a edição de “Les lieux de mémoire”, uma obra que, partindo da constatação do rápido desaparecimento da memória nacional francesa, propôs o inventariamento dos lugares onde a mesma ainda se mantinha de fato encarnada, graças à vontade dos homens e apesar da passagem do tempo. Para Pierre Nora (1992), símbolos, festas, emblemas, monumentos, comemorações, elogios, dicionários e museus são lugares de memória.

No entanto, esse acontecimento tem rastro na história, em que a tolerância predominou e ainda hoje predomina. Assim, olhar as peculiaridades do outro, como a forma de se vestir, de

se divertir, hábitos que envolvem alimentação, danças, crenças, arte e artesanato, cultura local e global, com respeito perante atitudes *a priori* estranhas para ambos, é fundamental em um mundo que comporta tantas diferenças. Longe de exaltar o relativismo de nível moral acerca das questões de cultura, o que vale é o cultivo da igualdade de direito, de respeito a toda vida humana. É tarefa difícil sim, em um mundo individualista, egoísta, rodeado por ideologias que subjagam qualquer um, prevalecendo a busca do lucro e do poder. A dominação do outro é histórica, começou com a disputa dos conquistadores de terra e riquezas e, por seu caráter histórico, é passível de mudanças por todos os sujeitos que, constituídos pela sociedade em que vivem, têm a capacidade de provocar mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É urgente uma discussão para que haja a mudança de posturas discriminatórias que subjagam qualquer ser humano. O planeta é habitado por seres diferentes, com sociedades e culturas distintas. No entanto, conviver é preciso e nos resta encontrar a melhor forma de dividir cada espaço compartilhado. Tarefa difícil, mas possível. Nesse sentido, estudar a arte e sua ligação com a cultura e a sociedade contribui para o pensar acerca das diferenças existentes em nosso meio social.

REFERÊNCIAS

AN EUROPEAN Declaration of Independence - 2083” (Uma declaração de Independência Europeia - 2083). Do UOL Notícias Em São Paulo. Disponível em: <http://www.uol.com.br/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

ANO Internacional dos Afrodescendentes (A/RES/64/169). Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasil/abou-this-office/single-view/news/international_year_for_people_of_african_descent/. Acesso em: 25 abr. 2021.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Ática, 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **A Afro-América: a escravidão no novo mundo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CARVALHO, José Carlos de Paula. **Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas**. Disponível em: <http://www.interface.org.br/revista1/debates2.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2021.

DINIZ, André. **Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LOPES, Nei. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical**. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

LOPES, Nei. **Sambeabá**: o samba que não se aprende na escola. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Folha Seca, 2003.

MATTOS, Rafaela de Souza. **Cultura e educação**. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/pedagogia/educacao-e-filosofia>. Acesso em: 03 jan. 2021.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RODRIGUES, Luís. **Padrões de cultura e etnocentrismo cultural**. Disponível em: <http://www.esas.pt/dfa/sociologia/etnocentrismo.htm>. Acesso em: 01 fev. 2021.